

Biblioteca de A SEMENTEIRA



Bernardo Lazare

A LIBERDADE

O pior uso que se pôde
fazer da liberdade, é abdicar
dela.

Victor Cousin

Edição de A SEMENTEIRA

LISBOA

Biblioteca de A SEMENTEIRA

Bernardo Lavre



A LIBERDADE

Édition de A SEMENTEIRA
1980

Édition de A SEMENTEIRA

1980

Shi

Biblioteca de A SEMENTEIRA

BERNARDO LAZARE



A LIBERDADE

O pior uso que se póde
fazer da liberdade é abdi-
car dela.

Victor Cousin.

LISBOA

Edição de A SEMENTEIRA

shj

Biblioteca de A. SEMINTEIRA

HENRIQUE LAMARCA

A LIBERDADE

O livro não deve ser vendido
nem emprestado sem a
autorização do
Autor e Editor

LISBOA

Biblioteca de A. SEMINTEIRA

Shi



Senhores e Senhoras:

Escolhi propositadamente para tema a «Liberdade», nesta inauguração das conferências que se propõe realizar o grupo da *Idée Nouvelle*. Primeiramente porque, já que nos qualificamos de libertários, era natural, até necessário, falar desde logo do princípio que nos move, e depois porque é de toda a evidência que poucos desejos há tam espalhados entre todos os homens como o desejo de liberdade, e poucas palavras despertam tantas idéas, provocam tanta energia, suscitam tanto entusiasmo, excitam a tantas acções como esta palavra.

A história da liberdade é a história do mundo. Por ela a humanidade luta desde o seu nascimento. O relato das suas vitórias e das suas derrótas, das suas glórias e abatimentos, constitue a humana lenda.

Tomai hoje, ao acaso, um dos nossos contemporâneos. Podeis discutir com ele a oportunidade duma reforma, de uma bem fundada regulamentação, a excelência de um partido político; mas não encontrareis um que não reconheça a necessidade para o homem, ou pelo menos, para si mesmo, de ser livre. O vaga-

bundo e o banqueiro, o proletário como o capitalista, o escravo tanto como o autócrata, consideram que a liberdade é o mais precioso dos bens; não divergem senão no modo de entender esta palavra, ou sobre a maneira como a coisa deve ser repartida.

¿ Porquê esta unanimidade, êste acôrdo inesperado, entre pessoas que de ordinário estão muito longe de estar de acôrdo? Porque a liberdade é a mais velha de todas as aspirações.

Além disso, é tam antiga como o mundo. Nasceu com o homem, e isto porque o homem, ao nascer, se sentiu escravo. Era débil e estava nú, jôquete dos elementos, desarmado ante múltiplos inimigos dos quais os menores eram as feras de que difficilmente podia preservar-se. O ar e a água ameaçavam-no, temia o raio e as tempestades; a natureza, da qual saía, era a dominadora e dominava-o, não ternamente como a mãe domina o filho que acaba de nascer, mas rude e ásperamente, como uma madrasta.

Para escapar a esta tirania natural consagrou o homem a sua balbuciante intelligência, todas as suas forças empregou para libertar-se das intempéries das estações, para resguardar-se do frio que açoita, do calor que abrasa, dos ventos e da chuva. Largos séculos necessitou para isto, passou por várias idades, e á fôrça de energia, de engenho e de audácia, poudesubtraír-se ao jugo inicial que o torturava desde

que nasceu. Poude, até certo ponto, fugir com o corpo à natureza.

O primeiro dono do homem, o seu primeiro tirano, foi a natureza. Contra êste dêsputa se exerceram as vontades nascentes; durante anos, quando o sêr humano tiritava, poude maldizer a natureza; quando adquiriu o fogo sentiu-se já vencedor. E sentiu-o mais quando poude pulir a pedra, cozer a argila, tecêr o linho e construir as suas choças por cima das águas. Mas no dia em que poude, por fim, escapar a êste período terrível de pesadêlo e de espanto, despertou mais escravo ainda do que no dia em que viu a luz, atado por cadeias mais apertadas, mais rudes, pois êle mesmo as havia forjado. Despertou prêsa dos deuses.

Nos tempos da sua debilidade, quando era vítima e todos os terrores que assaltam as crianças e as mulheres ao atravessar os grandes bosques durante a noite; nos tempos do mêdo todo-poderoso, o homem extraviado, perdido, divinizou tudo o que estava fóra dêle, o que sentia troar, estremecer e agitar-se no ar e nas águas. Rendeu culto ao raio, aos ventos, ás bategas de chuva, ás tempestades de neve. E se sómente tivesse feito isto, se não tivesse edificado mais do que as más potências de que se sentia cercado, não lhe teria custado grande coisa a desembaraçar-se delas, rindo da sua pusilanimidade, no dia que conseguiu vencê-las.

Desgraçadamente o homem concebeu também deuses bons. Adorou o sol que aparecia no

zenite, afugentava as feras e acalentava os membros gelados pelo frio da noite; adorou as fontes claras, adorou até o que ele mesmo tinha criado, quer dizer, o fogo bemfeitor, chegou até a adorar-se a si mesmo e teceu com as suas próprias mãos as malhas da rêde que o devia aprisionar mais tarde.

Até aqui, ainda não foi cativo mais do que das suas próprias idéas; mas esta idade durou pouco e quando tinha confiado a alguns dos seus irmaos a guarda dos deuses que imaginou; converteu-se então em prisioneiro das idéas dos outros e o primeiro domínio ficou constituido. O representante das divindades converteu-se em dono dos que lhe tinham dado êste mandato. O sacerdote-rei surgiu, e escravo êle mesmo, conduziu escravos. O homem tinha-se tornado um animal obediente. Desde que nasceu que se sentiu dobrado ante a fôrça, a fôrça que estava por cima dêle, e necessariamente acabou por se inclinar ante a fôrça que estava a seu lado.

Vivendo primitivamente em rebanho, como as bestas com as quais ao princípio estava aparentado, submeteu-se ao macho mais robusto, e quando se agregou em tribus, quando os rebanhos se fundiram juntos, achou bom, neste estado de guerra perpétua, deixar-se conduzir pelo mais forte. Então teve dois dônos: o sacerdote e o govêrno.

O govêrno ficava fundado. O que ao princípio se estabeleceu por eleição, eleição obrigada, imposta pelas circunstâncias, pela debili-

dade intelectual, moral e física, foi depois imposto pelas leis. Estas leis eram todas de servidão, leis de dominação; poucas na sua origem, multiplicaram-se, cercando o homem por todos os lados, anulando as suas faculdades, escravizando os seus deuses, regulamentando os seus actos, forçando a sua vontade.

Como as leis primordiais eram de uma antiguidade secular, os que as sofriam, depois de terem ajudado a estabelecê-las, perderam a sua filiação. Julgaram-as superiores a eles e succedeu com elas o que succedeu com os deuses. O homem attribuiu ás filhas do seu cérebro uma origem extra-humana, concebeu que as leis lhe eram exteriores, julgou-as divinas e submeteu-se aos fantasmas que tinha evocado.

Numerosos foram estes fantasmas que ainda nos atormentam. Fantasmas da propriedade individual, fantasmas das castas e das classes, fantasmas do Govêrno e do Estado, fantasmas da família. E são tam poderosos ainda, tam viventes nas imaginações e nos espíritos, que poucos são os indivíduos que actualmente conhecem a sua origem e dêles se podem libertar. Atam-nos e reteem-nos na nossa marcha; no nosso cérebro, na nossa memória, deixaram vestígios funestos, de tal modo, que, em virtude dum secular atavismo, continuamos sendo os forjadores da nossa escravidão, os factores dos obstáculos que encontramos.

Assim, pois, durante inumeráveis séculos, o homem foi servo. Primeiro reconheceu a auto

ridade de um só, e achamos ainda exemplos dêste modo de govêrno no govêrno dum Behanzin ou de qualquer outro autócrata negro. Mas êste Uno breve delegou os seus podêres noutros homens que foram emanações do chefe, de igual modo que o chefe era a emanação de Deus. A uns confiou a justiça, a outros a guarda da sua pessoa; deu a êstes o privilégio de receber os impostos e os dízimos, áqueles a tutela do seu povo.

Ao despotismo de um só sobrepuzaram-se os despotismos de uns quantos, a autocracia das castas, a das categorias, e em breve, em virtude desta faculdade de abstracção que possuem os cérebros humanos, as funções personalizaram-se e suportou-se, por exemplo, não sómente o domínio dos juizes, mas também o da justiça. Nova criação de novos fantasmas.

Sucessivamente o instrumento de tirania foi perfeito, funcionou automaticamente, por todos aceite, até honrado por todos, posto que se alguns, no curso das idades, protestaram timidamente contra tal ou qual juiz iníquo, de nenhum modo sonharam com o protestar contra a própria instituição da Justiça.

Foi o primeiro jugo, depois do da natureza, ao que o homem se quiz subtraír, repriminando contra a autoridade de um seu semelhante, e tendo adquirido o costume de considerar o juiz feroz, o govêrno duro e o desapiedado perceptor de impostos como maus sacerdotes de um deus que subsistia sempre, unicamente

combatia as fórmãs que a religião revestia, mas não a própria religião. Anos se necessitaram para que o homem ousasse, não já atacar, mas simplesmente examinar as religiões que o matavam.

A tutela do espírito foi larga, e enquanto durou—na suposição de que não existe, nós vamos vêr que ainda existe—a docilidade dos homens foi prodigiosa. De todos os modos, pouco a pouco a razão foi-se libertando. Nas raças melhor dotadas, quando os súbditos do reis e dos aristocratas despertaram do seu sôno, sofreram ao avaliar a opressão de que tinham sido vítimas. Quizeram andar e aperceberam-se de que as grilhetas que levavam nos pés os impedia de dar um passo; intentaram estênder os braços e viram que as algêmas o não consentia; quizeram levantar a cabeça e reconheceram que um pesado capacête de cobre lha mantiha curvada.

Então reflectiram. Procuraram em volta de si quem é que lhes tinha cravado as grilhetas, as algêmas e os capacêtes. Olharam para os privilegiados que a sua docilidade tinha tornado valentes e perguntaram a si próprios se os privilégios que possuíam eram bem legítimos, pois que eram feitos dos seus sofrimentos e das suas privações.

Naquela hora solene a humanidade nasceu pela segunda vez. Sentiu as peias e, por consequente, quiz despedaçá-las. Conheceu se escrava e nisto mesmo compreendeu a liberdade.

de. Desde que teve consciência das suas dores quis fazê-las desaparecer, reconheceu que era necessário acalmá-las, que a liberdade era necessária e apaixonou-se por ela. Fez como a criança perdida num bosque, que adormeceu debaixo dum carvalho e que foi tam profundo o seu sôno que não sentiu o açoitado do vento nem a friagem da geada; mas quando a neve se foi acumulando sôbre ele e os pés se lhe gelaram, a dôr foi tam viva que despertou. Apenas se pôde ter de pé, quis logo evitar o assalto dos seus inimigos, e então foi quando se apercebeu de que a luz estava longe. E' o abrigo, a paz, a calma; e com esforço terrível pôe-se em marcha guiado por ela. Os caminhos são rudes, tropeça nos pântanos, afunda-se nas fossas, e o seu desejo de conseguir asilo cresce e engrandece-se até que empurra a porta que dá entrada no lugar bemfeitor que reparará as suas fôrças.

A humanidade é como esta criança. Ao sair do sôno, viu brilhar uma aurora ao longe e caminha ao seu encontro sem se detêr nas asperezidades nem nos perigos do caminho. Também algum dia verá lusir o sol.

*

Até aqui temos falado unicamente de uma coisa: do desejo da liberdade. Com efeito, o importante era que êste desejo nascêsse. Quando Fernando Lassalle despertou o proletariado

alemão do seu entorpecimento, ensinou-lhe primeiro que era desgraçado, e desde aquele dia os proletários lançaram-se pelo caminho da Revolução. Antes que a humanidade quizesse conquistar a liberdade preciso era que sentisse a sua escravidão e que desejasse ser livre. De que modo tem marchado pelo caminho que se abriu? Noutros termos: qual tem sido o desenvolvimento histórico da idea de liberdade?

Naturalmente, o homem desejou emancipar-se da primeira servidão, quer dizer, da religiosa, e isto em todas as sociedades civilizadas. Ao principio as religiões locais não faziam mais do que cair em decadência. Como todos os organismos, tinham o seu nascimento, o seu desenvolvimento, as suas enfermidades e as suas mortes, mas sobre o seu cadáver nasciam novas religiões e no lugar que ocupava um deus considerado mau collocava-se outro em seguida. Assim nos últimos tempos do mundo antigo, Assírio destronou Jupiter, Mitra destronou Assírio, até ao momento em que todo o politeísmo foi varrido, substituído pela religião do Galileu. Não me alargarei a respeito da dominação da Igreja nem indicarei de que modo se preverteu, como transformou um movimento de emancipação e de libertarismo em edificação de um monumento de opressão, como serviu a todas as tiranias e a todos os despotismos, esquecendo que aquele que converteu em deus, Jesús de Nazaré, havia dito: «não chameis dono vosso a ninguém».

Mas succedeu por fim á Igreja romana o que succedeu com o culto de Baco, por exemplo, que depois de um período de glória, de triunfo e de poder, entrou na decadência, ao mesmo tempo que se desenvolviam a sciência e a filosofia e á luz da Renascença estalou a reforma, substituindo o culto preconizado pela Roma católica, pelo culto fundado pelos reformistas protestantes. Lutero ou Calvino. Certamente, era um passo, posto que a nova religião estava instituída em nome da liberdade de pensar, mas não deixava de ser uma religião e intolerante, desde o momento em que Calvino quiz queimar os seus rivais e os países protestantes perseguiram os católicos de igual modo que os católicos perseguiram os protestantes. Isto era devido a que se tinha atacado unicamente a forma da religião—como fazem actualmente ainda as seitas místicas russas—mas não o próprio principio religioso.

Os filósofos da Renascença, queimados pela Inquisição, começaram a obra, recommçaram a antiga tradição dos incrédulos gregos, e por sua vez, os enciclopedistas e os homens do século XVIII, vieram minar as bases sobre as quais assentava, não esta ou aquela religião particular, mas a própria religião. Veremos quão imperfeita foi a obra d'esses escriptores sob o ponto de vista politico, mas não podemos esquecer que graças a eles o homem aprendeu a olhar deus de frente, a sua vaidade e o seu nada. Ensinaram-nos o que tinhamos

esquecido, quer dizer, que estávamos submetidos aos sonos dos nossos antepassados inferiores e que aceitávamos, embelezando-as com mitos deslumbrantes ou sombrios, ou com os tesouros da poesia e da imaginação, as concepções daquele rebanho de seres miseráveis, errantes pelos bosques e planícies, sem lar e sem armas, próximos parentes do antropopiteco e do gorila, seres que foram nossos pais longínquos.

Actualmente, não estão certamente mortas as religiões, como vivas estão as superstições que criaram; mas nem por isso deixam de estar feridas de morte. Parecem-se com essas velhas árvores dissecadas, cujas raízes deixaram de viver e que não obstante conservam verdes alguns ramos. Nêstes ramos que parecem viventes fazem os passaros ainda ninho, mas um fedôr de pôdre e de cadáver sobe da terra até eles e pouco a pouco teem que ir abandonando o morto gigante que só espera o sôpro da tempestade que a há-de derribar.

A ignorância e a miséria, sómente, reteem os homens nas rêdes da Igreja, do templo e da sinagoga. A' medida que vão adquirindo saber abandonam todos os vãos simúlacros que aprenderam e não resta dúvida de que a primeira servidão que cairá será a religiosa. Nada a amparará; nem a renovação do falso espírito místico, nem os êrros nem as tolices de alguns homens de sciência, nem os interêsses da politica. A religião morre porque foi a sua essen-

cia que o homem atacou e este se afasta daquela porque viu que era um fantasma.

Alguma vez tereis passeado, durante a aurora, por um lago, ou perto de um rio, e tereis conservado na memória a recordação dos receios sentidos á vista dos fantasmas brancos que deslizava n sôbre as águas tranquilas, até ao momento em que um companheiro mais animoso soube mostrar-nos que aquelas aparições não eram mais do que pálidas trévas que os primeiros raios do sol dissolviam. O mesmo succedeu com as formas das nossas divindades. Na aurora das idades apareceram aos homens monstruosas e extranhas, de aspecto obscuro ou brutal; pouco a pouco, com as claridades da alva nascente foram perdendo a sua aparência grosseira, tomaram contornos mais puros e mais belos, dispersando quando o sol, por fim, assomou. Os homens penetraram a sua natureza e deixaram de crêr nêles.

Mas com a crêça nas religiões tinham nascido outras crêças e não bastou o vacilar das primeiras para matar as outras. De todos os modos, como no primeiro edificio ideológico da humanidade tudo se apoiava mutuamente, quando se tinha socavado a base, as substrucções tremeram, e, pouco a pouco, todas estas fortalezas que a fé sustentava vacilaram tambem.

Quando a religião vacilou, o dogma da realza de direito divino, ficou ferido de ricochete. O rei, o chefe primitivamente eleito por

mêdo, pela cobardia ou pela fraqueza do rebanho humano, não se sustentou no curso das idades senão porque os que aguentavam o seu poder tinham esquecido que eles mesmo o tinham estabelecido, da mesma fôrma como tinham estabelecido as divindades e o seu culto. Os detentores da autoridade não tinham deixado, por outro lado, de propagar esta ilusão. Primeiro tinham deixado subsistir o simúlacro da sua eleição, como em algumas tribus subsiste ainda o simúlacro do roubo de mulheres; estes vestígios desapareceram pouco a pouco e a Igreja deu ao monarca a investidura, decretando que êste monarca recebia o poder das mãos de deus, que era seu delegado supremo, a quem se devia obedecer, como se obedecia a quem o tinha consagrado.

Desvelada a vaidade de deus, desvendava-se ao mesmo tempo o véu que ocultava a vaidade real. Os séculos que seguem á Renascença e á Reforma, mostram-nos, apesar do deslumbramento passageiro de alguns soberanos que representavam eles só o Estado, o desmembramento da aristocracia, perdendo cada dia um pouco da sua supremacia e da sua fôrça, até chegar o momento em que a revolução fez cair a cabeça de um rei, acabando por destruir o ídolo, matando de êste modo, não um homem, mas um símbolo e um princípio.

E assim se encaminhava o homem com passo lento e seguro para a liberdade. Tinha atacado os dois monstros, os dois primeiros ex-

poliadores, Deus e o Rei, mas ao feri-los, cortou a cabeça de uma hidra de mil braços. Grande coisa era esta afirmação do seu poder individual e da sua vontade. Deixava de ser um servo curvado debaixo dum conjunto de oppressões, um pobre escravo esmagado e dolorido, um triste cego caminhando inconsciente em plena noite, chocando com a frente contra as muralhas que as suas mãos inconscientes haviam construido. Tinha visto a luz, débil ainda, filtrando-se timidamente através das grêtas que fez na sua prisão, mas tinha-a visto, e, desde aquelle momento, sabia onde bater para deitar abaixo tôda a prisão.

Com o principio da soberania de um só não tinham desaparecido as instituições autocráticas. Os revolucionários bateram a cabeça porque esta os tinha hipnotizado, simbolizando nela todos os seus sofrimentos, todos os seus desesperos, todas as suas desgraças e contra ela tam só descarregaram o peso do seu ódio e das suas cóleras.

Mas pelo facto das evoluções sociais, o monarca tinha acabado por se converter num fantoche, num triste polichinelo tam pouco livre como o último dos seus súbditos. O chefe Uno e todo poderoso ao principio, por sua vez rei, sacerdote, guerreiro, justiceiro e administrador, não poudo sustentar sósinho o peso de todas as suas funções; pouco a pouco foi dividindo o seu poder. Acreditava que deus lhe tinha dado o poder de apascentar os homens e

apascentava-os, e á semelhança de deus, confiou a alguns dos seus chefes uma parte desta autoridade que detinha absolutamente. Em seu nome, em nome do Senhor, fez-se justiça, ganharam-se batalhas, cobraram-se impostos, castigou-se, matou-se, enriqueceu-se e recompensou-se. A' medida que se complicava o corpo social, crescia o número dêstes delegados e breve o rei foi um escravo seu, como eles eram escravos do rei. O rei permitia-lhes exercer a sua acção, mas sem eles não podia governar e dirigir o seu povo. As mesmas ideas os unia, as mesmas vontades, os mesmos objectivos, e de todos eles o monarca era quem sofria as mais duras servidões, pois a sua autoridade se repartia sôbre a massa, enquanto que, por reacção, sofria, sem dar por isso, a autoridade de todos os que eram seus representantes.

Temos presentemente um exemplo (*) dêste estado de coisas no império russo. Por cima de todo um povo de escravos e de mártires, levanta-se o tzar como um ídolo manchado de sangue e de lama; parece-se ao antigo Moloch; os cadafalsos substituíram as fogueiras; para guardar a sua vida sucedem-se as hecatombes. Parece que êste homem representa todo o pode-

(*) Devemos ter em conta que esta interessantissima conferência foi pronunciada antes da queda do tzarismo; mas sob o govêrno dos bolchevistas o direito á liberdade não tem sido menos perseguido e cerceado.—N. do T.

rio, que uma palavra sua há de bastar para agitar todo o seu império, e no entanto, esta monstruosa imagem é menos livre do que o último dos «mujiks» que treme ao escutar o seu nome. É prisioneiro do exército de ministros seus, dos seus juizes, dos seus verdugos; detrás d'ele oculta-se o rebanho de malfetores e de tiranetes; é um pobre manequim sacudido por todos os elevados funcionários do império, e no dia em que desaparece, suprimido pelo punhal de um rival ou despedaçado pela bomba de um vingador, a Santa Rússia não muda em nada, e os servidores do novo tzar enchem as prisões e enforcam mulheres tal como faziam em vida do antecessor.

Salvo pequenas diferenças, succedeu o mesmo na França depois da Revolução de 1789, e se mo permitem, limitar-me-hei a falar da evolução da liberdade na França unicamente durante este século, já que a França nos apresenta esta variedade de govêrnos que vai desde o Império á Monárquia constitucional, e desta á República burguêsa e capitalista, á espera de alguma coisa melhor.

Assim, pois, em 1789, guilhotinou-se um rei e uma rainha, sacrificou-se aos legítimos furôres dos oprimidos tôda uma classe de prebendados; saquearam-se os castelos, queimaram-se os arquivos e os palácios, e quando despertaram desta cólera revolucionária, os homens repararam que não tinham ganho mais do que uma liberdade illusória. Digo illusória, porque

assim o entendo, pois na Revolução Francêsa temos que considerar duas partes. Sob o ponto de vista teórico, a sua influência e os seus resultados foram imensos; depois daquela tempestade o homem sentiu-se elevado, ganhou em consciência de si mesmo, adquiriu o sentido do seu valor, da sua dignidade, da sua individualidade. Reconheceu que a sua origem comum o unia aos seus irmãos, que se não devia estabelecer nenhuma autoridade por sobre ele, numa palavra, compreendeu que se não possuía a liberdade era ilegítimo, injusto e máu que a não tivesse adquirido depois da tormenta e empreendeu novamente o caminho, animado por novas esperanças e forças novas. Se não conquistou a Liberdade, conquistou pelo menos o poder de ser livre algum dia.

Sob o ponto de vista prático, os resultados da Revolução Francêsa são mediocres. Nada tem isto de extranho, atendendo a que os propósitos de alguns revolucionários superiores foram prevertidos pelos seus descendentes e que o domínio de um só se tornou dominação colectiva. Porquê? Porque todos, constitucionistas, legisladores ou convencionais, apesar da sua aparência de iconoclastas, foram os piores tradicionalistas. Da monarquia romperam a ornamentação, cortaram a cabeça, mas conservaram o corpo. Suprimiram o rei, mas conservaram os juizes do rei, os exércitos do rei, os governadores provinciais do rei, os agentes fiscaes do rei, que se converteram nos juizes

exércitos, governadores, perceptores da República e do Império. Procederam como insensatos que lançando-se ao assalto duma fortaleza se entreteram demolindo as balaustradas de mármore, conservando as duras muralhas e os oscuros calabouços para onde foram logo dar a cabeça.

Assim, graças a esta cegueira, os privilégios voltaram a restabelecer-se. Um século bastou. O camponês paga ao burguês o que antes pagava ao senhor feudal, e o operário paga ao burguês o imposto de sangue. O povo não mudou mais do que de nome do dono. Os servos continuam na gleba; os moinhos móem o trigo cujo pão não comem; nas fábricas e nas oficinas, os escravos tecem a sêda e não teem fato para vestir. A burguesia conquistou o ouro, conquistou a terra, desapossando os seus antigos donos e adquirindo os seus direitos.

Do trabalho de todo um século recolhêmos, não obstante, alguma coisa: a burguesia tem-nos ensinado a depreciar as instituições de que ela se serviu e contra estas instituições caminhamos.

Já não é ao proprietário que o desgraçado deita a culpa da sua miséria, mas á propriedade e ao seu princípio; não é ao juiz que o inocente exproba da sua condenação, mas á justiça; não é contra o capitalista, mas contra o capital que o proletário tem as suas coisas.

Actualmente a humanidade luta corpo a corpo contra estes fantasmas de que há pouco

crença nas origens divinas da propriedade, da falei; com a morte das religiões desapareceu a justiça e da família legal. O homem pensa que bem pode desfazer o que ele mesmo fez, que não se trata de confiar a novas mãos o instrumento das suas dôres, mas que é necessário quebrar êste instrumento.

Quere dizer que renunciou a tôdas as suas ilusões e que já não é escravo? Não, certamente, e o caminho é longo e custoso antes que no seu ter no encontre a liberdade. Destruiu dogmas velhos e constituiu novos dogmas que há de ir destruindo outra vez. Depois de crêr na realêsa de um Homem, creu na do número; e depois de sofrer a opressão da unidade, quere sofrer a opressão da colectividade. Procura a liberdade e para a encontrar serve-se dos processos que lhe legaram os seus dônos, processos que forjaram a opressão que lamenta.

Na França, (*) creu-se e crê-se ainda no sufrágio universal. Partidos que se chamam revolucionários, que caminham, segundo dizem, para a conquista da liberdade, declaram que o sufrágio universal é a única arma que convém aos escravos modernos e pretendem persuadir milhares de cidadãos de que destruirão Bastilhas com listas eleitorais.

Em nome da liberdade pede-se ao cidadão

(*) Este êrro não affectou só os revolucionários francêses; foi malignidade que invadiu mais ou menos todos os paizes.—N. do T.

que delegue os seus poderes nuns quantos irmãos seus, esquecendo que isto não é mais do que seguir os êrros das monarquias e das repúblicas burguêsas, e todo o homem que delega os seus poderes cria um amo. A tribu selvagem que encarregava da sua defêsa o macho mais forte e delegava nêle os seus poderes, criava para si mesmo um chefe e um tirano; as autocracias não tiveram outra origem. O estabelecimento do reino dos burguêses ensinou-nos que se êstes poderes estão repartidos entre vários em lugar de ser privilégio de um só, não deixam de sêr, -por isto, menos opressivos.

E não só o homem que escolhe quem o mande prepara uma tirania; perde, além disso, em fôrça e em poder. Perde o hábito da acção de pensar, descansa nos outros que pensarão e obrarão por ele. Pois bem, todo o membro que se não exercita se atrofia; sumido numa perpétua e escura prisão, o prisioneiro acabaria por não possuir o sentido da vista. O mesmo succede com todas as outras faculdades; os que não ágem, perdem o poder de agir, os que não pensam, vêem desaparecer o seu poder de pensar. Acabam por sêr um rebanho, o rebanho de borrêgos de Panúrgio, embrutecidos e estúpidos.

Os actuais socialistas autoritários que preconizam o direito de sufrágio e a prática do parlamentarismo não são outra coisa que os oportunistas e os radicais das nossas assembleas; crêem que serão livres porque terão a

possibilidade de escolher o páu que lhes baterá.

E não é esta a única ilusão de que são vítimas estes socialistas que abandonam a doutrina da Revolução. É verdade que já não teem fé na família, na propriedade, pelo menos tais como hoje estão constituídas, mas ainda teem fé em duas divindades terríveis, as mais esmagadoras para o homem: crêem na autoridade que cria os Estados e na Lei que os sustenta.

¿Porque miragem se enganam e negam assim com o menor dos seus actos o objectivo que teem em vista? ¿Que preconceitos são os que actúan neste caso? São filhos desta espécie de educação revolucionária que receberam.

A maioria dos homens está ainda dominada pela concepção antiga que fizeram da natureza.

É incontestável que o mundo obedece a leis, que todos os fenómenos, do maior ao mais pequeno, obedecem a leis que se podem reduzir a fórmulas, de modo que o homem pode prevêr o que sucederá no planeta. Evidentemente que é impossível subtraírmolos a estas leis naturais: pelo nosso organismo, pela nossa constituição fisiológica e psicológica, dependemos delas. Vivemos segundo certas fórmulas ás quais nos obriga o nosso cérebro. Formamos parte de um todo, de um conjunto e não podemos fugir a êle. No entanto, se bem que somos prêsas de um fatalismo cosmogónico, não se segue que não podemos fugir a certos fenómenos.

ou pelo menos ás suas consequências. E' nos impossível conjurar uma tempestade; unicamente os magos peles vermelhas ou os negros imaginam que com as suas conjuras podem deter a tempestade; mas podemos colocar-nos ao abrigo da chuva. Sômos impotentes para deter a erupção de um vulcão, mas podêmos evitar as suas lavas.

Ao nascêr, o homem sentiu-se oprimido pela naturêsa e ganhou o instinto da liberdade, mas por uma extranha contradicção, á medida que desenvolvendo-se poudo mais facilmente subtrair-se á sua madrasta, da natureza opressiva foi copiando os seus modos de govêrno.

Estudou-se a si mesmo, soube reconhecer que a sua cabeça dominava os seus membros, e os filósofos deduziram destas observações a necessidade da gerarquia. Observou certas subordinações naturais, inevitáveis e fatais e tirou em conclusão a sua própria subordinação. Enfim, reconheceu que tudo no mundo marcha segundo leis inmutáveis e inevitáveis e concluiu que a humanidade não poderia desenvolver-se e viver senão com a ajuda de certas leis, debaixo do seu exclusivo e absoluto domínio.

Procurou então conciliar o seu desejo de liberdade com a necessidade destas leis. Delineou o principio e não querendo estar em contradicção preferiu dizer que se não possui o que deseja a causa está em que as leis estão mal feitas.

Abandonou a crênc̃a em deus, na realizaç̃a de direito divino, e conservou a crênc̃a na lei. Fez desta lei um fetiche, um primeiro ídolo, e a lei tem tido os seus mártires e os seus loucos, como a igreja, como a monarquia. Sacrificou-se a ela, tem-lhe atribuido uma existênc̃a absoluta, não tem querido vêr que as leis eram abusivas, más; tem continuado a crêr na lei. Os nossos modernos revolucionários riem-se dos índios que se deixam esmagar pelas rodas dos carros dos seus deuses, mas adoram uma deusa cruel: a lei. A divindade dos índios despedaça os corpos, a lei despedaça energias e mancha as almas.

Da lei esperam os nossos socialistas a saúde. Lei sôbre o trabalho, sôbre a sua regulamentaçã, sôbre a sua duraçã; lei sôbre a propriedade colectiva, lei sôbre a divisã dos bens, leis sôbre a instrucã, lei sôbre a hospitalidade, lei sôbre os socorros aos fracos, aos inválidos do trabalho. E assim, em nome da liberdade se chega á mais extranha, á mais louca das concepçõs, á que segundo a qual os menores actos dos homens estarão previstos, ordenados, regulamentados por leis.

E' muito possível que êstes sônhos se realizem. Virã os tempos em que ninguem poderá vivêr fóra dos sindicatos e corporaçõs futuras. E então, quando o Estado oppressivo—pois a lei supõe o Estado e sem êle não se comprehende,—quando o Estado oppressivo tenha aniquilado tôda a iniciativa, destruido tôda a indivi-

dualidade, reprimido tôda a aspiração; quando as acções da vida estejam submetidas ás regras estreitas de uma rigorosa legislação; quando os homens caíam no malis espantoso dos despotismos, então compreenderão o sentido da palavra liberdade e quererão conquistá-la ardentemente.

Quem diz lei diz autoridade, quem diz autoridade quer dizer govêrno, quem diz govêrno, quer significar opressão e contrariedade, e por conseguinte, dizendo lei afirma-se todo o contrário de liberdade.

Fazemos leis para proteger as nossas liberdades, dizem alguns. Que significa isto e que liberdade é esta que necessita estar protegida? E' a liberdade daquele a quem se applica uma sentença judicial. E' o mesmo que dizer: para ser livre forjarei as minhas cadeias. E que não se nos afirme que a lei nasce do contrato livre. Primeiro porque para que o contrato seja livre é necessário que as partes contratantes o sejam. E nunca o foram. As leis tem sido sempre impostas por alguns e sofridas pela maioria.

Quando os homens sejam livres, então poderão contratar livremente, mas com a condição de que se recordem de que este mútuo contrato se torna numa violência dêsde o momento para os corpos e para os espíritos não é daque-

A lei, portanto, não pode jamais dar a liberdade, pois a liberdade não se proclama, como se fôsse um govêrno, sequer provisório; sai

dos homens, do fundo das suas entranhas e cada um tem que a criar.

Levamos a liberdade dentro de nós mesmos e somos os seus artesãos. Não depende mais do que de nós, e só nós, individualmente, podemos realizá-la.

Quando virá? Quando uma a uma tenhamos morto as divindades que penosamente temos ido criando no curso das idades; quando tenhamos quebrado todos os laços que a tradição nos unem; quando tenhamos compreendido que todo o govêrno e tôda a lei são más, precisamente por ser lei e ser govêrno.

Comecemos, pois, por abater os ídolos que conduzimos dentro de nós; êstes ídolos que se chamam Estado, Patria, Religião, Propriedade, e que nos impedem de pensar, que nos guiam, que nos dominam, que nos oprimem, que nos tapam os olhos e nos impedem de vêr. E não digais, que não os conheceis, pois que todos os dias lhes prestais obediência e lhes dais o melhor de vós mesmos, a vossa carne e o vosso sangue, e os respeitais e crêdes na sua existência, porque vos limitais a maldizê-los sem pular destruí-los.

No Estado, tal como está constituido, no que os socialistas autoritários querem constituir, impede-se nos e impedir-se-nos-ia ainda a única coisa que nos interessa, quer dizer, ver nós mesmos. Serieis um bom cidadão, um bom irmão na colectividade, mas não serieis vós e isto é o que primeiramente importa.

Antes de procurar uma nova fôrma de sociedade procurai libertar-vos das ligaduras que vos aprisionam. Não será um novo modo de vida comum o que vos dará a liberdade, mas quando sejais um homem livre; então podereis conceber uma sociedade na qual a liberdade conquistada seja um facto

Não vos tortureis com livros e teorias; procurai no fundo de vós mesmo e encontrareis os laços que vos atam e encontrados podereis rasgá-los.

Conhecei-vos e sereis donos de vós mesmo e quando o sejais a autoridade terá morrido, tê-la-heis morto, e então podereis tratar livremente, de igual para igual, debaixo do claro sol que será bom para todos.

Qualquer revolução que venha antes será vã, porque substituirá um regimen opressor por outro igual ou parecido. Mas se a uma revolução seria vã, a rebeldia, em troca, é necessária, pois revoltando-vos contra todas as divindades que vos matam sereis livres. A rebeldia é santa. Cada homem que se revolta impele a humanidade pelo caminho da liberdade.

E quando vos tenhais revoltado contra as ideas, contra os ídolos e contra o cobarde que fôra no fundo de nós mesmos, naquele dia, como disse o filósofo: «Florescerá uma raça que poderá tudo o que quizer». Uma raça livre.

Antologia

A liberdade deve sobretudo proteger e fecundar o pensamento. No sentido literal das palavras, a liberdade do pensamento está fóra de toda a pressão; porque o pensamento é um facto íntimo que os mais não podem conhecer.

.....

A liberdade do pensamento tem sido reivindicada em todos os tempos, em proporções diversas, por aqueles que necessitam dela para produzir e desenvolver qualquer idea nova.

PIERRE TEMPELES.

Sem a liberdade não há ordem possível.

GRAÇA ARANHA

O homem procura a liberdade como o magneto procura o polo ou a água o nível, e a sociedade não pode gosar a paz enquanto cada um dos seus membros não fôr rialmente livre.

JOSIAH WARREM

Os homens e os governos passam; mas não as ideas e as iniciativas que brotaram nas lutas para a conquista do progresso e da liberdade.

VICTOR HUGO

A liberdade é a nova religião, a religião do nosso tempo.

HEINE

Ele procura a liberdade que é tam preciosa.

DANTE

Devemos ser livres ou morrer.

WORDSWORTH

Aqueles cuja liberdade é a sofrêr e por vontade de um superior, nunca serão livres.

W. COWPER

¿De que serve a liberdade de pensamento, se ella não produz liberdade de accção?...

A liberdade é o sôpro criador que ninguem pode roubar ao nosso espírito, e que entre as trevas de todos os tempos, e aos pés de todos os tiranos, e no seio de todas as tempestades, reluzirá sempre imortal como a essência do nosso sêr, como a obra mais grande e mais formosa.

E. CASTELAR

Nem milhões de escudos, nem milhões de soldados, nem guerras, nem revoluções podem fazer o que um homem livre faz quando diz simplesmente o que é justo.

L. TOSTOI

A liberdade que nós amamos e desejamos para os corpos e para os espíritos não é daquelas que descendem do alto, pela violencia de leis ou de guilhotinas, mas aquela que irradia de baixo, de onde tenha penetrado a luz.

PEDRO GORI

A anarquia, como o socialismo, tem por base, por ponto de partida, por ambiente necessário, a igualdade de condições; tem por fim a solidariedade; tem por método a liberdade.

E. MALATESTA

A Liberdade pela Anarquia

*Para a anarquia vai a humanidade,
Que da anarquia a humanidade vem!
Vêde como esse ideal de acôrdo invade
As classes todas pelo mundo alem.*

*Que importa que a fracção dos ricos, brade
Vendo que a antiga lei não se mantêm?
Hão de ruir as muralhas da cidade
Que não há fortalezas contra o bem.*

*Façam da acção dos subversores crime
Persigam, matem, zombem, tudo em vão...
A idea perseguida é mais sublime.*

*Pois, nos rudes ataques á opressão,
A cada heroe que môrra ou desanime
Dezenas de outros bravos surgirão.*

JOSÉ OITICICA

A SEMANTICA

BRONCHIAS

- 1. História - Em tempo de eleições (1948)
- 2. Livro - A grandeza e o socialismo
- 3. Livro - Governo revolucionário
- 4. Livro - As camponesas
- 5. Livro - Os caminhos da guerra
- 6. Livro - O Conhecimento e a Ciência
- 7. Livro - A Social Democracia em Portugal
- 8. Livro - A minha vida
- 9. Livro - A Internacional
- 10. Livro - A Revolução
- 11. Livro - Portugal consciente
- 12. Livro - O social em que tempo mudamos
- 13. Livro - A base religiosa
- 14. Livro - A Eternidade

Em preparação

1. O processo - cultura voluntária de
2. Livro - Livro

Publicações de livros e revistas de publicação periódica
acompanhadas das respectivas ilustrações. Para mais
informações e para obter o catálogo de livros e revistas
deverá dirigir-se ao editor.

"A Semântica"

CASAS DO SOBRE, 22
LISBOA - PORTUGAL



Edições da Biblioteca de A SEMENTEIRA

A SEMENTEIRA—	{ Revista mensal, 1908-1913....	(esg.)
	{ 2.ª série, 1916-1919	2\$00

BROCHURAS

1	Malatesta— Em tempo de eleições (duas edições)	(esg.)
2	C. Lisle— A propriedade e o socialismo	»
3	Krapotkine— Governo revolucionário	»
4	R. Mella— Aos camponeses	»
5	Krapotkine— Os bastidores da guerra ...	\$20
6	Delessalle— A Confederação Geral do Trabalho ..	(esg.)
7	Landauer— A Social Democracia na Alemanha ..	\$20
8	Etievant— A minha defesa	\$40
9	Música de Degeyter } Letra de Pothier } A Internacional	\$20
10	G. O. N. M.— Procriação consciênte	\$40
11	Bakunine— O sentido em que somos anarquistas ..	\$30
12	J. Most— A peste religiosa	\$40
13	B. Lazare— A Liberdade	\$50

Em preparação:

Um interessante e educativo volumesinho de
Contos Sociais.

Satisfazem-se todos os pedidos de publicações quando acompanhados das respectivas importâncias. Pelo correio acresce a importância do porte. Descontos aos revendedores e Grupos de Propaganda.

Dirigir toda a correspondência para:

“A Sementeira”

CAIS DO SODRÉ, 86

LISBOA—PORTUGAL

Shi